

**“COM OLHOS DE CRIANÇA”: A ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA
NAS CHARGES DE FRANCESCO TONUCCI****“THROUGH THE EYES OF A CHILD”: CHILDHOOD SCHOOLING IN
THE FRANCESCO TONUCCI CARTOONS****“CON OJOS DE NIÑO”: LA ESCOLARIZACIÓN DE LA INFANCIA EN
LAS CARICATURAS DE FRANCESCO TONUCCI**

Victor Reis Mazzei¹
Rodrigo Lema Del Rio Martins²
Amarílio Ferreira Neto³
André da Silva Mello⁴

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em analisar o processo de escolarização das crianças na educação infantil, por meio das charges do pedagogo e desenhista italiano Francesco Tonucci, que compõem a obra “Com olhos de criança”, publicada originalmente em 1988. A análise destaca o olhar das crianças em suas relações com os professores e com o ambiente escolar. Focaliza o processo de criação das charges desde as intenções dos autores na concepção dos materiais a escolhas dos elementos verbais e não verbais que constituem as obras. A fim de examinar as charges, este estudo emprega uma perspectiva metodológica que envolveu as seguintes etapas semióticas: seleção das imagens, o seu inventário denotativo e os níveis de significação mais altos. Constata que a linguagem imagética, utilizada na confecção das charges de Tonucci, oferece potência comunicativa ao produzir efeitos para além do período de sua criação. As charges de Tonucci sinalizam a fragilidade de metodologias de ensino utilizadas na educação infantil que, ao não consultar as crianças sobre seus pontos de vista, negligenciam as suas produções culturais, autorias e subjetividades, reforçando a separação e os conflitos entre professores e crianças em suas interações na escola.

Palavras-chave: Crianças; Educação infantil; Ilustrações.

¹Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Docente do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdades Integradas São Pedro FAESA-ES (FAESA-ES).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0520-7580> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3624226389119309>

E-mail: mazzei@propaganda2.com.br

²Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Docente do Curso de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1082-2425> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9215131825606115> E-mail: rodrigoeufrural@hotmail.com

³Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3624-4352> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0813381772579489>

E-mail: amariliovix@gmail.com

⁴Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3093-4149> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1466918874732141> E-mail: andremellovix@gmail.com

Abstract

The objective of this article consists in analyze the scolarization process from children in pre-school by means of the cartoons of the italian pedagogue and drawer Francesco Tonucci, that compose the work "With child eyes", originally published in 1988. The analysis highlight the childs look in their relations with teachers and the school environment. The work emphasizes the creation process of the cartoons, from the authors' intentions in the conception of materials to the choice of verbal and non-verbal elements that will constitute the books. In order to examine the cartoons we employ a methodology perspective that involved the following semiotics stages: selection of pictures, denotative inventory and the highest levels of the images signification. It is observed that the imagetive language, used in the confection of Tonucci's cartoons, offers a communicative power when producing effects that go beyond the period of creation. Tonucci's cartoons signal the teaching methodologies weakness used in Children's Education, which, by not consulting the children about their points of view, neglect the cultural productions, authorship and subjectivities, reinforcing the separation and conflicts between Teachers and children during their school interactions.

Keywords: Children; Preschool; Illustrations.

Resumen

El propósito de este artículo es analizar el proceso de escolarización de los niños em la educación infantil, a través de las caricaturas del pedagogo y dibujante italiano Francesco Tonucci, que compon en la obra "Conojos de niño", publicada originalmente en 1988. El análisis destaca la mirada infantil en sus vínculos con los maestros y con el entorno escolar. Se centra en el proceso de creación de las caricaturas desde las intenciones de los autores en el diseño de los materiales hasta la elección de los elementos verbales y no verbales que componen las obras. Para examinar las caricaturas, este estudio emplea una perspectiva metodológica que incluyó los siguientes pasos semióticos: selección de imágenes, su inventario denotativo y los niveles más altos de significancia. Se observa que el lenguaje de las imágenes, utilizado en la realización de las caricaturas de Tonucci, ofrece poder comunicativo al producir efectos más allá del período de su creación. Las caricaturas de Tonucci resaltan la fragilidad de metodologías de enseñanza utilizadas en la educación infantil que, al no consultar a los niños sobre sus puntos de vista, descuidan sus produccion esculturales, autorías y subjetividades, reforzando la separación y los conflictos entre maestros y niños en sus interacciones en la escuela.

Palabras clave: Niños; Niñas; Educación infantil; Ilustraciones.

Introdução

Mafalda, Calvin e Haroldo, Menino Maluquinho, Armandinho e a Turma da Mônica são algumas obras conhecidas no campo dos quadrinhos que têm suas narrativas concentradas na forma de pensar da criança. Assim como essas obras populares voltadas para o universo infantil, destacamos as criadas pelo desenhista e pedagogo italiano Francesco Tonucci, cujas charges no livro "Com olhos de criança" (Tonucci, 2003), sob o pseudônimo de Fratto, focalizam o fato de as crianças assumirem uma posição secundária nas práticas pedagógicas apresentadas nas escolas, ao não serem consultadas na elaboração de proposições metodológicas que as envolvem.

Parte das charges contidas no referido livro foram produzidas originalmente para ilustrar obras de outros educadores. As demais Tonucci elaborou para seus próprios livros. Em comum, a preocupação em denunciar um modelo de educação que secundariza o papel das crianças, colocando-as na condição de subalternidade em relação aos adultos.

Assinalamos que o material produzido por Tonucci (2003) apresenta condições para pensar as racionalidades das crianças, notadamente, no que se refere às aulas, relação

professor/criança, metodologias de ensino, envolvimento em atividades, vínculos com a escola e espaços de recreação. No conjunto da obra analisada, constatamos a insatisfação do desenhista ao nos exibir um cenário escolar no qual as crianças, pulsando de curiosidade e criatividade, não são consultadas para a construção das aulas, nem são ouvidas em sua relação com o ambiente escolar. Ao apresentar nas charges um modelo de escola que não valoriza o processo autoral dos infantes, notamos ambientes que não contemplam práticas escolares “com olhos de crianças”.

O objetivo deste artigo consiste em analisar o processo de escolarização na educação infantil, destacando o olhar das crianças em suas relações com os professores e com o ambiente escolar. As charges de Tonucci selecionadas para este artigo contribuem para refletir sobre a atuação do professor que atua na educação infantil. Também podem desvelar novos olhares, percepções e sensibilidades, mediante a escuta, a participação e a negociação de todos os atores implicados no dinâmico processo de ensino e aprendizagem.

Com o intuito de localizar produções anteriores que se relacionam com a temática deste artigo, fizemos pesquisas no site do Scielo (Scientific Electronic Library Online) e no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Encontramos um número limitado de materiais, cujas abordagens se concentravam em dois tópicos: na crítica à padronização/automatismo do ensino na educação infantil (Souza & Grassel, 2015; Amarante & Nery, 2017) ou em cidades que não são projetadas tendo em vista o brincar das crianças (Silva, 2012; Tonucci, 2005). Nessa busca, não verificamos a incidência de trabalhos que promovam diálogo entre as charges e os pressupostos da Sociologia da Infância, que é a nossa intenção. De maneira geral, os estudos encontrados tratam a charge como fonte; nossa proposta neste trabalho é tomá-la como objeto de pesquisa.

Neste estudo, baseamo-nos na Sociologia da Infância (Sarmiento, Fernandes & Tomás, 2013) para contestar proposições que consideram a criança como sujeito passivo em seus processos de socialização, bem como pela sua incapacidade de ser informante privilegiada acerca de seus mundos de vida. De acordo com Sarmiento (2013, p. 20), a Sociologia da Infância tem como objetivo “[...] conhecer a infância como categoria social e as crianças enquanto membros da sociedade, atores sociais e agentes da cultura”.

Pela via da Sociologia da Infância, questionamos o olhar que enquadra a criança como um ser em transição, que a classifica como “[...] o não adulto, e esse olhar adultocêntrico sobre a infância registra especialmente a ausência, a incompletude ou a negação das características de um ser humano completo” (Sarmiento, 2000, p. 157).

A concepção de criança como ser pleno, crítico e condutor de sua jornada de vida é prevista pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação infantil, assumindo uma perspectiva de criança que:

[...] observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola (BNCC, 2017, p. 36).

Para analisar os sentidos exibidos nas charges de Tonucci, fundamentamo-nos em Umberto Eco (1993) para compreender a relação entre as intenções do autor de uma obra e a sua posterior decodificação por um suposto leitor. Esse processo é nomeado por Eco (1993)

de *obra aberta* e aponta para interpretações nem sempre controladas pelo autor da obra, como uma charge, por exemplo. A partir de seus repertórios, o público receptor pode inferir sobre sentidos não intencionados *a priori* por um criador. Tal postulado tem fundamental importância para este artigo, uma vez que, nas análises por nós propostas, especulamos sobre as supostas intenções de Tonucci com as charges e promovemos diálogos com práticas pedagógicas, sobretudo, às ligadas à educação infantil.

Apoiamo-nos também em Chartier (2002, 2009, 2014) para compreender como o processo de autoria de uma obra envolve fatores que se relacionam com a inclusão de certos discursos em detrimento de outros. As obras selecionadas revelam representações que refletem relações assimétricas de poder, como as que ocorrem entre professores e crianças no ambiente escolar.

Para examinar a charge como linguagem imagética de potencial comunicativo, que costuma ser formada por aspectos não verbais e verbais, buscamos auxílio em Barthes (1990). De acordo com esse autor, as imagens são polissêmicas, pois podem produzir múltiplos sentidos. Por meio da ancoragem, o texto verbal fixa o sentido de uma imagem, como a charge, direcionando, com isso, o processo de compreensão por um receptor.

O itinerário de leitura deste artigo se divide nas seguintes etapas: a primeira consiste em uma caracterização conceitual das charges; a seguir, discutimos sobre as intenções de um autor na construção de uma obra, bem como o papel do público receptor na sua interpretação; em seguida, debatemos a respeito do potencial imagético das charges de Tonucci, tendo em vista o processo de escolarização das crianças na pequena infância. Nas considerações finais, apresentamos uma síntese da pesquisa sobre as possibilidades comunicativas da imagem como prática pedagógica que reconheça as crianças como protagonistas em suas jornadas de vida.

Perspectiva metodológica

Neste artigo, focalizamos as charges de Francesco Tonucci (2003) como objeto de investigação. A partir delas examinamos o sistema de signos que atuaram na sua elaboração, bem como pesquisamos sobre a produção de sentidos nos materiais imagéticos em questão. Para isso, baseamo-nos no texto “Análise semiótica de imagens paradas” (Penn, 2002), que faz parte do livro “Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som” (Bauer & Gaskel, 2002), com referencial para analisar as imagens e textos contidos nas charges.

O percurso metodológico apresentado por Penn (2002) possibilitou investigar o referido material e com isso destacar a potência comunicativa das charges para a reflexão sobre o processo de escolarização das crianças na educação infantil. Por meio delas, podemos ter acesso a produções culturais que versam sobre a perspectiva das crianças em relação às práticas pedagógicas que, ainda, têm sua centralidade na figura de professor.

Penn (2002) indica que o primeiro estágio analítico é a *seleção das imagens*. Assim, destacamos charges extraídas do livro “Com olhos de criança”, que possibilitam uma discussão crítica sobre a contribuição da linguagem imagética como elemento que possibilita reflexões sobre as práticas pedagógicas.

A etapa seguinte, conforme Penn (2002), consiste em fazer um *inventário denotativo* das imagens em questão. Esse processo envolve a catalogação dos elementos constitutivos dos textos e imagens que compõem uma charge: “É importante que o inventário seja completo, pois a abordagem sistemática ajuda a assegurar que a análise não seja seletivamente auto afirmativa” (Penn, 2002, p. 326).

A terceira etapa é a análise de *níveis de significação mais altos*. É edificada a partir do inventário denotativo. Sobre cada elemento catalogado, fizemos perguntas como: “O que tal elemento conota (que associações são trazidas à mente)? Como os elementos se relacionam uns com os outros (correspondências internas, contrastes, etc.)? Que conhecimentos culturais são exigidos para ler o material?” (Penn, 2002, p. 328). Neste estágio, o sentido conotativo abre luz para outras interpretações presentes em uma imagem, o que exige do leitor conhecimentos culturais mais diversificados.

A perspectiva metodológica mencionada nos guiou no processo de interpretação dos sentidos das charges de Francesco Tonucci, além de permitir a sistematização da nossa análise, uma vez que, segundo Penn (2002), as imagens se apresentam de maneira polissêmica e ambígua. A seguir, trataremos das charges a partir de seu processo de criação e na condição de ferramentas comunicacionais que exprimem um forte componente crítico.

As charges como linguagem imagética

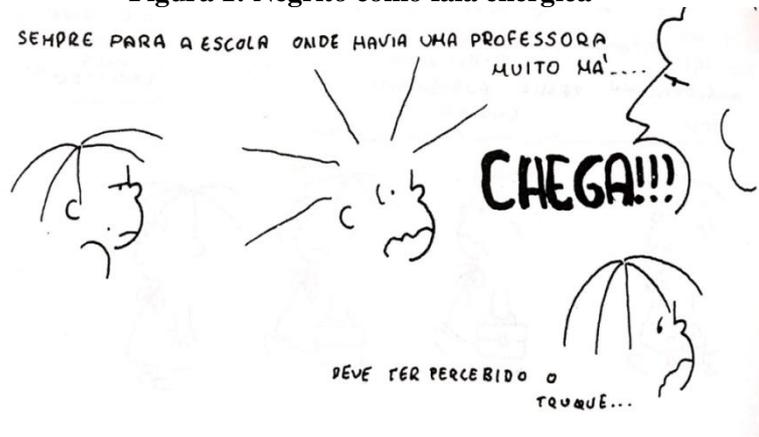
As charges são criações que requerem a união entre as linguagens verbais e as não verbais. A partir da junção desses códigos é que a mensagem pretendida por um autor é constituída. Eisner (1999) observa que, em charges e histórias em quadrinhos, as palavras e as imagens se amalgamam, tornando-se uma só obra.

Para Oliveira e Silva (2017, p. 268), as charges são uma ferramenta imagética comunicacional que se utilizam do exagero, geralmente o humor, para criticar uma dada situação ou contexto social: “A charge carrega, portanto, uma característica peculiar: a de criar o cômico ao mesmo tempo em que produz uma denúncia”.

Lins (2008) comenta que o gênero quadrinhos é formado a partir da manipulação de dois códigos distintos: o linguístico e o visual. Sobre o linguístico, temos o texto escrito, as “falas” e os “pensamentos” propostos pelos personagens. O campo visual abrange os traços que compõem os personagens, as cores, os balões onde signos são expressos, a escolha dos tipos de letra. Todos esses elementos cooperam para a produção do sentido pretendido pelo autor de uma obra de quadrinhos.

Na escolha dos elementos que irão compor uma charge, o artista gráfico elenca uma série de possibilidades que colabore com a produção de sentidos pretendida por uma obra. Alguns elementos gráficos atuam como convenções de fácil reconhecimento ao leitor já iniciado. Por exemplo, o uso de negrito (Figura 1) pressupõe uma fala mais enérgica; as imagens de caveira e da cobra dentro de um balão de pensamento remetem a palavras ou expressões de raiva. Esses elementos presentes nas charges exigem do leitor um aprendizado prévio, uma vez que lida com convenções existentes anteriores ao ato da leitura.

Na charge da Figura 1, notamos como a palavra “CHEGA!!!”, em negrito e em um tamanho de letras maior do que as demais (“sempre para a escola onde havia uma professora muito má...”), tal qual um “grito” verbal da professora, tem a função de interromper drasticamente a narrativa estabelecida pela criança.

Figura 1: Negrito como fala enérgica

Fonte: Com olhos de criança (Tonucci, 2003, p. 84).

Para Chartier (2009), as convenções gráficas, os discursos e os dispositivos técnicos de reprodução influenciam a elaboração de uma obra. Sua leitura, portanto, deve contemplar aspectos circunscritos em um recorte espaço-temporal.

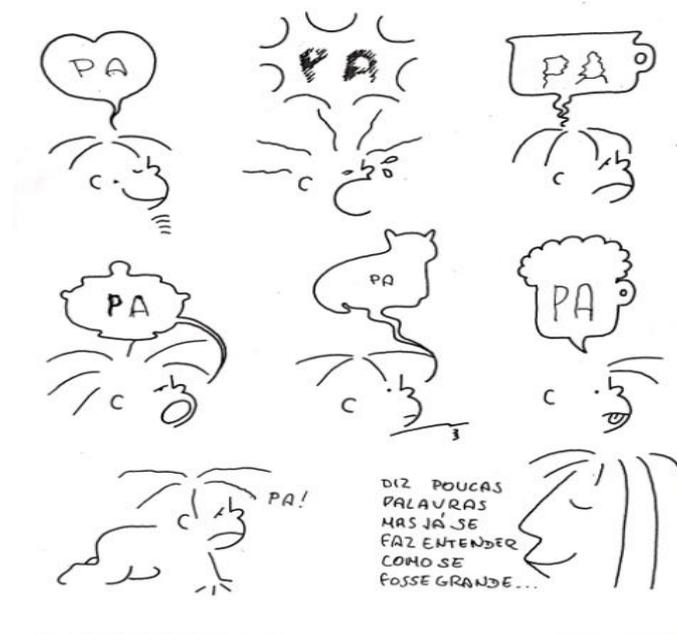
Penn (2002) entende que, no sistema linguístico, há a relação sintagmática. Nela, podemos observar a aliança entre termos que se precedem e/ou se sucedem. Assim, “[...] o sentido de um termo é delimitado pelo conjunto de termos não escolhidos e pela maneira como os termos escolhidos são combinados, a fim de criar um conjunto significativo” (Penn, 2002, p. 321).

Em Souza-e-Silva e Koch (2007, p. 18), o sintagma “[...] consiste num conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantêm entre si relações de dependência e ordem”. Para Barthes (2012), o sintagma é uma combinação de vários signos, que pode ser manifestada pelo encadeamento de ideias que ocorre de forma linear, de maneira muito semelhante ao “fluxo de fala”. Por exemplo: a frase “A criança é ativa” é constituída a partir da utilização de uma série de termos linguísticos que ocupam seu lugar na sentença. “O valor de cada termo é determinado por seu lugar no sintagma, isto é, pelos outros termos, na frase que o precedem e o seguem, e pelo conjunto de termos alternativos que pode substituí-lo” (Penn, 2002, p. 321).

Deve-se levar em consideração também a dimensão imagética de uma charge, uma vez que é composta de traços e desenhos. Esse tópico abre o debate para uma diferença na produção de sentidos entre as imagens e as palavras. A imagem apresenta uma natureza polissêmica, o que exige que o texto escrito promova uma função denominada de ancoragem, “[...] onde ambos, imagens e textos, contribuem para o sentido completo [...]. Tanto na linguagem escrita, como na linguagem falada, os signos aparecem sequencialmente. Nas imagens, contudo, os signos estão presentes simultaneamente” (Penn, 2002, p. 322).

Entre os elementos que fundamentam a tese de Eisner (1999), está o fato de o criador de quadrinhos elaborar suas obras a partir da articulação de dispositivos visuais e verbais. Isso significa que a escolha de um formato para o balão de pensamento interfere no tom pretendido para a fala de um personagem. Conforme pode ser visualizado na Figura 2, cada formato de balão de pensamento, bem como a tipologia, coopera para produzir um sentido para a palavra “PA”, dita pela criança em questão na charge.

Figura 2: Balões de pensamento produzindo sentidos distintos



Fonte: Com olhos de criança (Tonucci, 2003, p. 24).

Os pressupostos apresentados permitem inferir que a produção de uma charge tem abrangência limitada, envolvendo elementos que precisam ser pensados previamente, uma vez que se impõem processos intelectuais na construção de uma linguagem imagética, visando ao entendimento de um suposto receptor, que nem sempre compreenderá a obra da maneira como foi idealizada (Eco, 1993).

Sobre a autoria: intenções e produção de sentidos

Chartier (2014) narra que o processo de autoria de uma obra abrange aspectos complexos ligados à exclusão e à inclusão de certos discursos. Essa “função autor” opera com seleções estratégicas que levam em consideração fatores como propriedade literária e acoplamento de diversas vozes do discurso de um dado tempo, bem como sobre o que pode ser atribuído ou não a outros autores ou concorrentes.

Fiorin (2005, p. 29) comenta que é possível verificar a “visão do mundo” dos autores, “[...] ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social”. Portanto, segundo Fiorin (2005, p. 29): “Podemos afirmar que não há um conhecimento neutro, pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade”. Em charges, como as de Tonucci, alertamos para práticas pedagógicas que não valorizam as autorias infantis, além de revelar certos discursos que refletem uma relação assimétrica e pouco colaborativa entre professores e crianças.

De acordo com Kossoy (2009), no processo de criação de imagens, como uma charge, inicialmente, devem ser levados em consideração dois aspectos: os de ordem material e os de ordem imaterial. Os primeiros dizem respeito aos equipamentos e plataformas disponíveis, que, no caso de uma história em quadrinhos, podem ser os recursos técnicos (desenho em papel ou no computador) e em quais veículos de comunicação a obra será veiculada (se em

meios impressos ou digitais). Já os de ordem imaterial “[...] são os mentais e culturais” (Kossoy, 2009, p. 27) e que, hierarquicamente, sempre serão superiores aos primeiros fatores.

Em que pese uma obra visual ser gerada por meio da intervenção direta e exclusiva de seu criador, isso não garante uma interpretação similar por parte dos demais espectadores: “Suas informações se abrem às diferentes ‘leituras’ que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações” (Kossoy, 2009, p. 38).

Chartier (2002) comenta que a função expressiva dos elementos não verbais intervém, por exemplo, na organização do manuscrito ou na disposição do texto impresso, bem como na representação teatral, na recitação, na leitura em voz alta, uma vez que as representações se inscrevem em tempo e contexto específicos.

Em harmonia com Kossoy (2009), pontuamos que as imagens são construídas a partir de motivações/intenções do seu produtor. No entanto, a recepção pode não ocorrer conforme pretendida inicialmente, diante de novos tempos, repertórios, contextos e públicos (Chartier, 2009).

Eco (1993) nomeia *obra aberta* essa possibilidade de serem feitas diferentes leituras de uma produção. Para o pensador italiano, a interpretação de obras de arte não pode ser controlada pelo seu criador, uma vez que o receptor, por meio de seus repertórios e contextos, pode inferir vários sentidos distintos. Para Eco (1993) um texto estará sempre incompleto, pois nem sempre a intenção do autor de uma obra, como uma charge, será interpretada por um leitor de maneira similar à pretensão do seu criador. Abrem-se, assim, possibilidades interpretativas para uma obra, dado que sua leitura não é feita apenas a partir das características denotativas, conforme apontou Penn (2002); nas entrelinhas, há não ditos que serão interpretados por um receptor com base na sua capacidade de decodificar uma mensagem.

Para Eco (2005), em obras, como as charges, é possível verificar na sua interpretação um campo ambíguo e flexível, que se ajusta segundo as vivências de quem as consome. Desse modo, a obra “[...] é também aberta, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração em sua irreproduzível singularidade” (Eco, 2005, p. 40).

Uma charge também atua como obra aberta, cujos sentidos devem ser elaborados e completados por um leitor que nem sempre está familiarizado com a proposta do autor: “[...] quando um texto é produzido não para um único destinatário, mas para uma comunidade de leitores, o/a autor/a sabe que será interpretado/a não segundo suas intenções, mas de acordo com uma complexa estratégia de interações que envolve os leitores” (Eco, 1993, p. 80).

Como obras abertas, as charges de Tonucci criticam práticas pedagógicas que relegam ao segundo plano o papel das crianças no ambiente escolar, evocando, com isso, representações sobre o exercício da docência na educação infantil.

Análise das charges de Francesco Tonucci

A fim de pesquisar como se manifesta a escolarização das crianças até cinco anos de idade, selecionamos para este estudo quatro charges de Francesco Tonucci. A escolha das referidas charges para a nossa análise reside no fato de que elas focalizam e problematizam o processo de escolarização na educação infantil, além de nos permitirem interpretações, por meio de suas linguagens verbais e imagéticas, que nos levam a discutir práticas pedagógicas que imputam à criança uma condição de subalternidade ao professor.

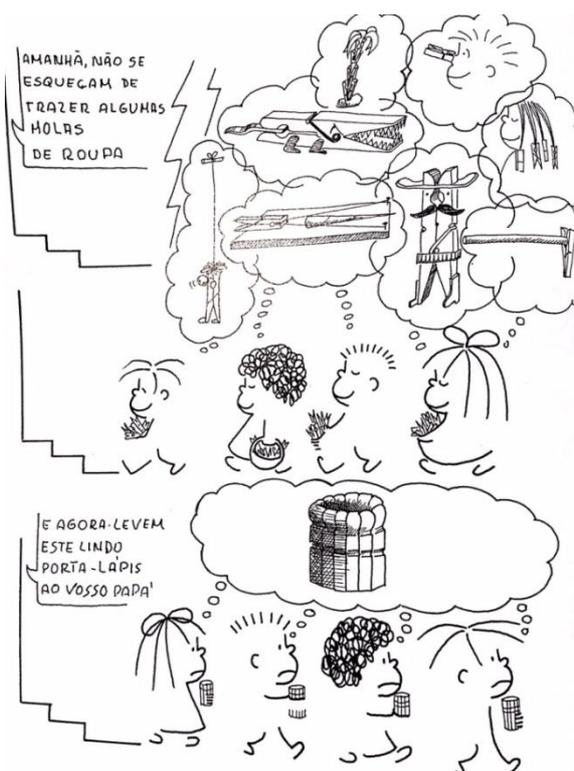
Nesta investigação, apoiamos-nos nas abordagens acerca de representação proposta por Chartier (2009), que a considera esquemas de classificação e juízo, ao expor as relações de poder existentes no cenário educacional, bem como as intenções de Tonucci ao produzir as ilustrações. A metodologia de análise das imagens segue o detalhamento semiótico proposto por Penn (2002), que consiste nas seguintes etapas: seleção das imagens, inventário denotativo e níveis de significação mais altos.

Refletir sobre a circulação dos discursos em uma obra aberta (Eco, 1993), como as charges de Tonucci, permitiu-nos vislumbrar como as representações são formadas e assimiladas em âmbito coletivo e pessoal.

O trabalho

A charge exposta na Figura 3 foi publicada em 1978. Ela mostra a expectativa das crianças diante de uma atividade anunciada pela professora e o desfecho frustrante, ao perceberem que aquele exercício, em vez de explorar a criatividade e a subjetividade dos infantes, acabou por impor soluções padronizadas estabelecidas pelo(a) educador(a).

Figura 3: O trabalho



Fonte: Com olhos de criança (Tonucci, 2003, p. 76).

Essa charge pode ser dividida graficamente em três momentos: no primeiro, o aviso do professor para que as crianças tragam molas de roupa (como os portugueses chamam o pregador de roupa) para a aula seguinte. No segundo momento, as crianças chegam à escola com feições animadas, imaginando que a atividade seria pulsante e criativa, permitindo a cada

uma delas propor sua ideia. O último trecho exhibe as crianças retornando decepcionadas, carregando um porta-lápis idêntico ao do colega.

Do ponto de vista visual, essa charge apresenta dois modelos de balões. O primeiro é o de fala (da professora) e o outro, de pensamento (das crianças). No entanto, em relação aos pensamentos das crianças, cabe destacar que, se, na ida para a escola, cada criança vinha acompanhada de seu próprio balão contendo uma ideia original, no epílogo, apresenta-se um balão uniforme, com o porta-lápis traduzindo o sentimento de frustração com o resultado da atividade. Destacamos que os primeiros balões de pensamento das crianças apresentam formatos e tamanhos diferentes, inclusive, alguns, de maneira desordenada, se sobrepõem aos dos colegas, sugerindo, assim, a expressão criativa e a produção autoral das crianças que extrapolam os padrões estabelecidos pelos professores da educação infantil.

Na colocação dos balões, evidenciamos a relação assimétrica entre o professor e as crianças, uma vez que a fala do docente direciona essa ação. As crianças, por sua vez, obedecem sem questionar, contudo as suas feições expressam decepção. Para interpretar os sentidos dessa charge, recorreremos a Chartier (2009), pois a imagem revela uma relação desigual de poder, a partir da separação professor/criança. A ilustração mostra o antagonismo nas expectativas e a conclusão da atividade proposta.

Observamos que a motivação de Tonucci com a charge “O trabalhinho” é expor sua insatisfação com a estrutura escolar e os métodos pedagógicos, que não favorecem o protagonismo das crianças. Uma visão adultocêntrica do processo pedagógico tende a consolidar um modelo de gestão da aprendizagem focado nas decisões tomadas pelos docentes em detrimento dos interesses das crianças. Em sentido contrário, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2013, p. 93) preconizam que “[...] devem ser abolidos os procedimentos que não reconhecem a atividade criadora e o protagonismo da criança pequena [...]”.

Outro ponto merece destaque: notamos, não somente nessa charge (Figura 3), mas também nas Figuras 4 e 5, na sequência, que Tonucci não mostra o professor nessas obras. Creditamos isso ao fato de o autor concentrar sua criação na proposta de dar visibilidade às racionalidades e às singularidades das crianças como produtoras de culturas.

As Figuras 3 e 5 ainda apresentam semelhanças em relação à colocação dos balões de fala dos professores, pois aparecem em uma posição superior em comparação com a estatura das crianças. Como salienta Chartier (2009), essa localização das vozes nas charges sugere uma relação de poder, uma vez que o professor não se abaixa para conversar com as crianças; a fala vem do alto e tem caráter hierárquico.

Especulamos que o título “O trabalhinho”, do ponto de vista sintagmático, carrega a intenção de Tonucci de ironizar as tarefas escolares. O que para os professores pode representar apenas mais um “trabalhinho como qualquer outro”, para as crianças pode significar a possibilidade de manifestar sua “[...] trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro” (Kossoy, 2009, p. 22).

Se alterássemos o nome “O trabalhinho” para “O trabalho”, por exemplo, o sentido proposto por Tonucci na tira sofreria uma mudança na sua ancoragem com a imagem e, conseqüentemente, perderia parte da expressividade irônica prevista no título original (Barthes, 2012).

Dialogando com Certeau (1985), inferimos que, ao não explorar as potencialidades lúdicas e subjetivas das crianças, essa atividade não ousou perscrutar a criatividade, o “caráter ético” das práticas. Com base nesse conceito, compreendemos o cotidiano de quem não se

identifica com a ordem estabelecida, abrindo um espaço que não é constituído sobre a realidade existente, e sim sobre a vontade de inventar, de criar algo, de modo que, na prática transformadora, há sempre “[...] uma vontade histórica de existir” (Certeau, 1985, p. 8). Como os pregadores levados pelas crianças se transformaram, uniformemente, em porta-lápis, não há espaço nessa relação para a mobilização da criatividade infantil, não obstante a vontade das crianças de criar algo original, conforme salientado no início da charge.

Na escola o corpo não serve...

Publicada em 1974, a charge intitulada “Na escola o corpo não serve...” aponta para a insatisfação de Tonucci com as proposições pedagógicas dentro da escola (Figura 4), que parece enfatizar o saber cognitivo, de cunho intelectual, como se ali fosse o espaço exclusivo da razão.

Figura 4: Na escola o corpo não serve



Fonte: Com olhos de criança (Tonucci, 2003, p. 104).

Destacamos a validade de se discutir essa charge, uma vez que na ilustração se manifesta a espontaneidade das crianças quando se relacionam com os colegas por meio dos jogos, brincadeiras e ludicidade, sem aludir a uma separação entre corpo e mente, como se estes fossem dimensões distintas de um mesmo sujeito.

Tendo apenas como recurso verbal a placa onde aparece escrito “escola”, essa ilustração nos dá pistas a respeito das ações, fantasias, desejos, motivações e decepções do universo infantil, sobretudo em relação à sala de aula, que se apresenta como um espaço desbotado, incapaz de potencializar a capacidade inventiva das crianças. Para Martins, Santos, Mello e Votre (2016, p. 65), “Mesmo sem falar uma só palavra, a partir da linguagem corporal as crianças conseguem dar visibilidade àquilo que lhes parece fazer mais sentido”.

Segundo a charge em questão, a sala de aula não é um local que contempla a criança em sua totalidade.

As crianças encontram em parques, ruas e pátios os locais para se assumirem como produtoras de suas culturas. Corsaro (2009) utiliza o conceito de *reprodução interpretativa* para assinalar as ações/transgressões das crianças na sociedade; na maneira como se apropriam das informações lançadas a elas e como, principalmente pela cultura de pares, transformam suas culturas, atendendo, em especial, a seus interesses em contraste com os dos adultos.

Com base em Chartier (2009), consideramos emblemática a imagem da criança entrando na escola, pois ela está em uma posição central da ilustração “Na escola o corpo não serve para nada” e, estrategicamente, situa-se entre dois momentos: o de brincar e o de estudar. Notamos, na criança que entra na escola, feições de alguém feliz. No entanto, diante de uma aula supostamente enfadonha, a animação dá lugar à indiferença. Sobre essa questão, Martins et al. (2016) advertem que respeitar os anseios das crianças que frequentam instituições dedicadas aos seus cuidados e à sua educação requer um olhar sensível para as suas práticas corporais cotidianas, entendidas como importantes formas de enunciações.

O último requadro finaliza a narrativa apresentando-nos um tom pessimista sobre aquilo que se passa dentro de uma sala de aula. Utilizando a metáfora como elemento expressivo, Tonucci nos indica a preocupação de muitas escolas (e de muitos professores) em concentrar suas práticas de ensino em métodos pedagógicos que contemplem exclusivamente as competências intelectuais. O corpo aparenta não ter espaço nas preocupações da escola. O corpo, como afirma Bracht (1999), muitas vezes, parece se constituir como o outro da razão; um ente separado e de caráter secundário, distante do intelecto e do espírito.

Tonucci lança uma provocação ao sugerir que o foco da escola parece estar na seriedade e na formalidade, cujos conteúdos são provenientes exclusivamente do professor. Descartam-se os estímulos para o uso do corpo, brincadeiras e interações como linguagem que possibilitam o despertar da criticidade e da ludicidade. Ou seja, na charge em questão, joga-se luz em um modelo de escola no qual só a cabeça se exercita.

Pensar a criança da educação infantil é reconhecer que se trata de um sujeito eminentemente corporal e cinestésico. Mello, Zandomínegue, Barbosa, Martins e Santos (2016), ao analisarem o campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos” da BNCC, por meio dos “direitos de aprendizagem e desenvolvimento”, expressos pelos verbos conviver, brincar, explorar, participar, comunicar e conhecer-se, sinalizam que o binômio corpo-movimento é valorizado como forma de expressão, de produção de sentidos e de experiências por parte das crianças. Por esse ângulo, o corpo e o movimento se constituem como elementos centrais na interação entre as crianças, fortalecendo a sua cultura de pares e as suas capacidades autorais.

A composição

Apesar de nos concentrarmos até aqui em charges que tratam a pequena infância em seu processo de escolarização, para a análise a seguir, Figura 5, faremos uma ressalva ao focalizar o que nos parece ser crianças com mais de seis anos. A tira em questão, intitulada “A composição”, publicada em 1968, traz traços de familiaridade e atualidade com alguns modelos de ensino ainda baseados na dicotomia professor-criança. Na obra, um professor pede que uma dada criança leia a sua redação. Mesmo diante de um texto que dialoga com aspectos culturais (um programa de televisão chamado Guerra das Estrelas) e sociais

(mendigo batendo à porta), o docente se preocupa mais com o descuido na concordância (que acontece/que aconteça) do que com a composição em si, que aborda com criticidade aspectos como a desigualdade social.

Figura 5: A composição



Fonte: Com olhos de criança (Tonucci, 2003, p. 107).

Essa tira pode ser dividida em dois momentos: no primeiro, o docente passa uma tarefa e uma criança lê a redação. Mais uma vez, assim como nas ilustrações anteriores, assinalam-se as posições hierárquicas e opostas entre professor e crianças, tal qual uma representação de luta de classes, divisões do mundo social e disputas de poder (Chartier, 2009).

Embora o diálogo se concentre no professor e na segunda criança sentada em sua carteira, julgamos ser interessante observar as demais crianças que estão nessa sala de aula. Por meio da linguagem não verbal, percebemos que elas parecem estar entediadas, com ombros caídos, indicando desânimo com os métodos do docente. Entretanto, após a reprimenda do educador, manifestada pelo realçamento (aumento do corpo da letra e o uso do negrito), elas despertam e se mostram assustadas. A fim de captar esses sentidos propostos nas convenções expostas na tira, buscamos Chartier (2002, p. 257):

[...] é preciso lembrar que a leitura também tem uma história (e uma sociologia) e que a significação dos textos depende das capacidades, dos códigos e das convenções de leitura próprios a diferentes comunidades que constituem, na sincronia ou na diacronia, seus diferentes públicos.

Com o intuito de criticar a prática de ensino, Tonucci define balões de diálogo que acompanham o papel desempenhado pelos personagens em sua trama narrativo-visual. O balão em que aparece escrito “QUE ACONTEÇA! BURRO!” traz um signo

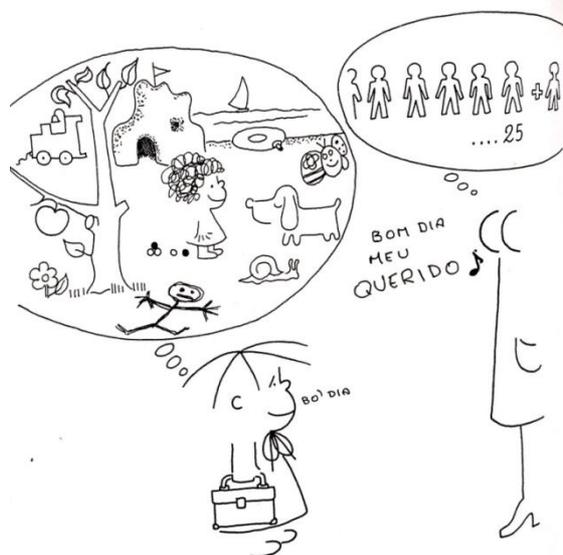
convencionalizado que representa um grito, uma fala enérgica do docente, em contraste com os balões que aparecem no primeiro momento da charge.

Em relação ao conteúdo, Tonucci nos alerta para o desinteresse do professor com a composição da criança. De acordo com Soares, Sarmiento e Tomás (2005), todas as crianças são capazes de opinar de maneira livre, bem como têm assegurado o direito de serem ouvidas. Na charge da Figura 5, notamos, por meio da fala do docente (Que aconteça! Burro!) o desinteresse em compreender o universo da criança que lê uma redação que trata de aspectos ligados à desigualdade social. Enfraquece-se, desse modo, a relação da criança como parceira do processo de construção do conhecimento e, por outro lado, aparece a relação de imposição e intimidação, conforme podemos verificar na fala do educador. Portanto, para reconhecer a criança como um sujeito dotado de direitos, é preciso ultrapassar o nível do discurso e, efetivamente, aceitá-la: “[...] como artífice na construção de um mundo compartilhado no qual sua ação, sua palavra, sua cultura, sua história são respeitadas e ouvidas como síntese de uma experiência social, compartilhada, atravessada pela sua condição de classe, etnia, gênero etc”. (Araújo, 2005, p. 69).

O primeiro dia da escola... A apresentação

A próxima charge (Figura 6) em análise teve sua publicação em 1975 e foi selecionada em virtude do profícuo diálogo que promove com os estudos da infância, sobretudo, pelos postulados de Sarmiento (1997, 2005).

Figura 6: O primeiro dia da escola... A apresentação



Fonte: Com olhos de criança (Tonucci, 2003, p. 70).

A referida ilustração exibe duas realidades distintas geradas a partir da expectativa do primeiro dia de aula. De um lado, a criança, cujos pensamentos se mostram repletos de elementos associados à fantasia, alegria e natureza; do outro, uma professora, cujo pensamento remete à ideia de que todas as crianças são iguais, uma vez que são representadas

da mesma maneira, como bonecos padronizados. Segundo a professora concebida por Tonucci, as crianças são representadas como números!

De acordo com Sarmiento (1997), os estudos da infância devem reconhecer as crianças como sujeitos socialmente plenos, buscando, com isso, compreender suas culturas próprias. O autor ainda sustenta que o mundo de vida das crianças se caracteriza pela heterogeneidade, portanto deve-se considerar “[...] a pluralidade dos sistemas de valores, de crenças e de representações sociais das crianças” (Sarmiento, 1997, p. 06).

Essa diversidade que constitui o universo das crianças envolve questões demográficas, econômicas, bem como o estilo de vida em que estão inseridas. Para Sarmiento (2005, p. 366): “A geração da infância está, por consequência, num processo contínuo de mudança, não apenas pela entrada e saída dos seus actores concretos, mas por efeito conjugado das ações internas e externas dos factores que a constroem e das dimensões de que se compõem”.

Percebemos essa situação no diálogo mobilizado entre a charge de Tonucci e alguns dos pressupostos apresentados nos estudos de infância de Sarmiento (1997, 2005). Vejamos: a ilustração aborda a dissonância de perspectivas entre os adultos e as crianças. Se, por uma via, temos o lúdico e o imaginativo (criança), por seu turno, no raciocínio da professora, observamos uma visão serial das crianças, que são simbolizadas como números. A propósito, a professora desta charge, ao contrário das vistas nas Figuras 3 e 5, aparece em cena, contudo sem rosto. Assim como os bonequinhos padronizados no balão para expressar o seu pensamento em relação às crianças, observamos, nos traços de Tonucci, a intenção de mostrar que um docente, dessa maneira, é como um adulto que age de forma estandardizada, que segue padrões, ou seja, faz uso de práticas pedagógicas que não contemplam possibilidades de valorização das individualidades das crianças.

Mediados por Chartier (2002), inferimos que a expectativa sobre o primeiro dia de aula traz traços de textos já existentes na memória e na história de certo número de sujeitos que vivenciaram essas situações. Verificamos aí também a presença da ancoragem (Penn, 2002) promovendo complementaridade entre palavra e imagem. Embora se trate de uma charge com predomínio de linguagem não verbal, o trecho verbal (Bom dia, meu querido) opera de forma contraditória em relação ao pensamento da docente, uma vez que o afeto manifestado pelas palavras “meu querido” não encontra eco no pensamento dessa mesma professora, que vê a criança como mais uma peça.

Essa relação entre o verbal e o não verbal pode ser contextualizada à luz de Barthes (1990), Eisner (1999) e Lins (2008). Para os autores, a conjugação entre essas duas linguagens deve ser a de complementaridade, em que os sentidos se alinham à idealização própria do autor.

Para Chartier (2002, p. 262): “Esses indícios de oralidade, depositados no interior dos textos, não são representações de práticas da oralidade, mas dispositivos, explícitos ou implícitos, que atribuem aos destinatários que lêem em voz alta e escutam ler”. Isso nos ajuda a compreender que, a despeito de todos os recursos materiais disponíveis que podem qualificar esteticamente uma charge, como a de Tonucci, é preciso observar as intenções do autor, circunscrevendo sua criação em um dado tempo e espaço, e a sua posterior recepção por parte de um leitor (Eco, 1993). Essa mesma charge, como uma obra aberta, poderia perder sua potência questionadora dos modelos educacionais, caso fosse publicada em uma revista de assuntos gerais.

Considerações finais

Uma imagem vale mais do que mil palavras? Tonucci nos mostra que a potência comunicativa expressa na linguagem imagética de uma charge, por exemplo, pode produzir reflexões impactantes sobre o processo de escolarização das crianças na educação infantil, bem como assinalar situações nas quais a autoria dos infantes é negligenciada. Com base no que apresentamos no decorrer deste artigo, levantamos a hipótese de que debater sobre o papel das imagens no processo de escolarização das crianças nos permitirá compreender as racionalidades delas, além de favorecer a valorização da produção cultural das infantes.

As charges de Tonucci, datadas entre as décadas de 1960 e 1980, permitem-nos questionar, ainda hoje, o olhar imposto pelos adultos em relação às crianças, bem como criticar as práticas pedagógicas que lhes são propostas. Ao desconsiderar as subjetividades e pluralidade de culturas na infância, as escolas e os professores, por meio de metodologias que persistem em adotar processos de ensino verticais e hierárquicos, acabam por desvalorizar as dimensões criativas das crianças, negando-lhes a possibilidade de serem produtoras singulares de suas histórias.

Os recursos verbais e não verbais utilizados por Tonucci, nas charges que analisam o processo de escolarização, alertam-nos para práticas pouco colaborativas e de metodologias na educação infantil que priorizam a figura do adulto, relegando ao segundo plano a perspectiva das crianças como produtoras de conhecimento. A elas parece restar o papel de receptoras passivas e executoras de tarefas seriais. Desatenta-se, assim, para possibilidades de reconhecê-las como sujeitos autorais. Perde-se um olhar que aprofunde, perscrute e valorize as culturas de infâncias, ao se considerar a criança simplesmente como outro do adulto (Sarmiento, 2005).

A potência comunicativa das charges de Tonucci exigiu que a nossa análise se apoiasse em uma metodologia semiótica que nos permitisse contemplar as sofisticadas relações sintagmáticas e as ancoragens entre os elementos verbais e os não verbais que compõem cada peça.

Discutimos como a linguagem imagética das charges de Tonucci se configura como uma ferramenta metodológica que pode colaborar para que os docentes compreendam as racionalidades das crianças e as concepções de infância presentes nos documentos oficiais que tratam da educação infantil (BNCC, 2017), bem como suas as perspectivas sobre a escola e a relação com seus locais, colegas e professores.

Que as charges elaboradas por Tonucci provoquem os professores a valorizar a produção autoral e a promover práticas que estimulem a participação das crianças nos processos pedagógicos empreendidos com elas na educação infantil, contribuindo para superar, dessa forma, concepções que as veem como receptáculos vazios, esperando para serem preenchidos pela racionalidade adultocêntrica.

Referências

- Amarante, R., & Nery, M. C. R. (2017). Educação ou adestramento? *Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta-RS*, 5(1), 119-125. Recuperado em 10 maio, 2019, de <http://www.exatasnaweb.com.br/revista/index.php/anais/article/view/105>
- Araújo, V. C. de. (2005). Infância e educação inclusiva. *Perspectiva*, 23(1), 65-77. Recuperado em 20 maio, 2019, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9729>

- Base Nacional Comum Curricular*. (BNCC) (2017). Brasília, DF: MEC. Recuperado em 21 maio, 2019, de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>
- Barthes, R. (1990). *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Barthes, R. (2012). *Elementos de semiologia*. (19a ed.). São Paulo, SP: Cultrix.
- Bracht, V. (1999). A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedex*, 48, 69-88. Recuperado em 19 maio, 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>
- Brasil. (2013). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, DF, MEC, SEB, DICEI. Recuperado em 20 maio, 2019, de <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>
- Certeau, M. de. (1985). Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. *Anais do Encontro cotidiano, cultura popular e planejamento urbano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP*, São Paulo, SP, Brasil, 1.
- Chartier, R. (2002). *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS.
- Chartier, R. (2009). *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Chartier, R. (2014). *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. São Carlos, SP: EdUFSCar.
- Corsaro, W. (2009). Reprodução interpretativa e cultura de pares. In F. A. Muller, & M. A. Carvalho (Orgs.), *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro* (pp. 31-50). São Paulo, SP: Cortez.
- Eisner, W. (1999). *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Eco, U. (1993). *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Eco, U. (2005). *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Fiorin, J. L. (2005). *Linguagem e ideologia*. São Paulo, SP: Ed. Ática.
- LINS, M. P. P. (2008). *O tópico discursivo em textos de quadrinhos*. Vitória, ES: EDUFES.
- Kossoy, B. (2009). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial.
- Martins, R. L. R., Santos, W., Mello, A. S., & Votre, S. J. (2016). Protagonismo infantil na educação física: uma experiência pedagógica com a capoeira. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 59-79. Recuperado em 10 maio, 2019, de <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/7123>
- Mello, A. S., Zandomínegue, B. C. A., Barbosa, R. F. M., Martins, R. L. R., & Santos, W. (2016). A educação infantil na base nacional comum curricular: pressupostos e interfaces com a educação física. *Motrivivência*, 28(48), 130-149. Recuperado em 10 maio, 2019, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p130>

- Oliveira, A. L. de. & Silva, R. J. (2017). O sujeito professor em charges brasileiras: discursos, representações e identidades. *Momento: diálogos em educação*, 26(2), 265-281. Recuperado em 30 abril, 2019, de <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/6733>
- Penn, G. (2002). Análise semiótica de imagens paradas. In M. W. Bauer, W. Martin, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 319-342). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sarmiento, M. J., & Pinto, M. (1997). As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In M. Pinto, & M. J. M. Sarmiento (Coords.), *As crianças: contextos e identidades* (pp. 9-30) Braga, Portugal: Centro dos Estudos das Crianças. Universidade do Minho.
- Sarmiento, M. J. (2000). Os ofícios da criança. *Anais do Congresso Internacional Os Mundos Sociais e Culturais da Infância*. Braga, Portugal, 2.
- Sarmiento, M. J. (2005). Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educação & Sociedade*, 26(91), 361-378. Recuperado em 30 abril, 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>
- Sarmiento, M. J. (2013). A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In R. T. Ens, & M. G. Garanhani (Orgs.), *Sociologia da infância e a formação de professores* (pp. 13-46), Curitiba, PR: Champagnati.
- Sarmiento, M. J., Fernandes, N., & Tomás, C. (2017). Figuras da criança na sociologia da infância em Portugal. *Sociedad y Infancias*, 1, 39-60. Recuperado em 19 maio, 2019, de <https://revistas.ucm.es/index.php/SOCI/article/view/56363/51608>
- Silva, M. R. P. (2012). *Linguagem dos quadrinhos e culturas infantis: “é uma história escorridinha”* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, SP.
- Souza, F. B. de., & Grassel, L. A. (2015). Um novo olhar para a educação na infância a partir da revisão das diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. *Anais do Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação (SIECE)* (p. 1-14). Canoas, RS, Brasil, 3.
- Soares, N. F., Sarmiento, M. J., & Tomás, C. (2005). Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. *Nuances: estudos sobre educação*, 12(13), 49-64. Recuperado em 25 maio, 2019, de <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1678/1593>
- Souza-e-Silva, M. C. P. de., & Koch, I. V. (2007). *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. (14a ed.). São Paulo, SP: Cortez.
- Tonucci, F. (2003). *Com olhos de criança*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Tonucci, F. (2005). Citizen child: Play as welfare parametre for urban life. *Topoi*, 25, 183-195. Recuperado em 20 maio, 2019, de https://www.researchgate.net/publication/227166664_Citizen_Child_Play_as_Welfare_Parameter_for_Urban_Life

Recebido: 13/07/2019

Aceito: 05/11/2019

Publicado: 06/12/2020

NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final a ser publicada.